

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Kelen Gracielle Magri Ferreira

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2026

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Coordenadoria Geral de Ensino Médio e Técnico/ Superintendência de Desenvolvimento de Materiais Educacionais e Programas Pedagógicos/Centro de Memória do Centro Paula Souza na sede administrativa

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Kelen Gracielle Magri Ferreira foi aluna e professora da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, realizou pesquisas no Centro de Memória dessa unidade escolar. E, em 2025, foi transferida para a Etec Mandaqui, pois o curso foi encerrado na Carlos de Campos, e começou nessa unidade a estudar a origem do curso Técnico de Edificações, onde atualmente é professora do referido curso.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: online pelo *teams*

Data da entrevista: 6 de março de 2026

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 54 minutos e 44 segundos

Número de vídeos: um

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 22

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do programa “História Oral na Educação” para o projeto de pesquisa “Docentes em Centros de Memória”, em função da professora ter realizado projetos de HAE no Centro de Memória da Etec Carlos de Campos sobre a história institucional, e posteriormente, ao ser transferida para a Etec Mandaqui, iniciou pesquisa sobre a origem do curso Técnico em Edificações nessa unidade escolar. O vídeo dessa entrevista será difundido dentro do programa História oral na Educação no site de memórias, em percurso histórico.



Kelen Gracielle Magri Ferreira

Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 6/3/2026

Transcrição da entrevista

Datas da transcrição da entrevista: 6 de março de 2026

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Retorno da colaboradora:

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Kelen Gracielle Magri Ferreira, eu agradeço muito você estar hoje concedendo essa entrevista para mim, Maria Lucia Mendes de Carvalho, que sou curadora do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, hoje que é dia 6 de março de 2026, e essa entrevista foi solicitada a você, devido a sua trajetória no Centro de Memória da Etec Carlos de Campos. E agora, começando um trabalho também de pesquisa na Etec Mandaqui. Além, da sua dedicação em

adquirir formação, ter feito mestrado, está fazendo doutorado, que é muito importante para nós que atuamos no Grupo de Estudos e Pesquisas de Memórias. Essa entrevista, ela faz parte de um projeto, que eu chamo de projeto coletivo, porque eu propus o projeto pela Plataforma Brasil que eu denominei “História oral na educação: docentes em centros de memória”. Esse projeto foi aprovado em março do ano passado, já concluiu uma publicação com 20 entrevistas dos professores pesquisadores mais antigos, que atuam em centros de memória. Mas, é importante que todos os nossos, o maior número possível de professores pesquisadores, façam parte agora do volume 2. Porque é para ficar esse registro de quem somos nós, não é? Hoje, nós somos 33 centros de memória e no livro anterior, ele tem em torno de uns 12 centros de memória, que era na época da pandemia, é o que nós tínhamos, não é, um número bem reduzido.

Kelen Gracielle Magri Ferreira (KGMF): Sim.

MLMC: E depois nós fomos ampliando, depois da pandemia. Então a pergunta que eu sempre faço para introduzir é sobre história oral de vida. Então eu gostaria muito que você contasse um pouco da sua trajetória, da sua história, eu sei que você é arquiteta, mas é uma arquiteta professora ligada à educação, não é? Então, assim como você: onde você estudou, como é que você se definiu por essa profissão?

KGMF: Sim. Isso mesmo.

MLMC: Depois, porque decidi ser professora, e ingressou no Centro Paula Souza. E, também veio participar do nosso grupo. Faz parte do GEPEMHEP no CNPq e faz um trabalho muito bom, inclusive o projeto que você desenvolveu o ano passado, começando a estudar o curso de Edifícios da Etec Mandaqui.

KGMF: Está joia, professora. Primeiro, eu queria muito agradecer, eu me sinto muito lisonjeada de poder participar desse projeto, agora sendo entrevistada. Desde o início eu sempre gostei muito de História e eu fiquei muito grata de poder ter participado todo esse período e ter realizado também contribuído com algumas entrevistas, que eu realizei para o Centro de Memória. Assim, que é um grupo que eu aprecio muito, gosto muito de participar. E quando eu recebi o convite, eu realmente fiquei. Eu fiquei muito lisonjeada de estar do outro lado do centro, de ser a entrevistada agora. É aí a minha História, ela, enfim, ela começa assim: é claro, é muito relacionada a História, a Desenho, e as Etecs (as escolas técnicas). Então, minha História tem essas linhas. Eu sou nascida em São Paulo e sempre gostei muito

de desenhar, muito. Mesmo assim, acho que quando a gente é criança, a gente tem um contato muito mais forte e mais afetivo com o desenho. Mas minha mãe, desde criança assim, ela já olhava assim, via uns desenhos de casinha, que é o mais convencional, com detalhes maiores, assim, com varalzinho, com roupinha e tudo mais. E chamou muito a atenção dela. Então ela teve essa percepção de que eu tinha alguma coisa ali, que eu poderia seguir ali em algo relacionado a desenho na minha profissão. E eu, como criança, a gente não sabe direito para que lado vai, qual é a profissão. A arquitetura é uma coisa que uma criança, pelo menos na minha época, não tinha tanto contato também. E não tinha ninguém na família assim, também com essa profissão. Então eu não tinha contato com ninguém dessa área. É quando eu tinha 6 para 7 anos, o meu pai, ele foi transferido para Bauru. Então, nasci em São Paulo, fiquei até uns 6 ou 7 anos. Meu pai foi transferido para Bauru e eu morei 2 anos em Bauru. E, em Bauru, é que a minha mãe encontrou uma moça lá, que ela ensinava a pintura de pano, pano de prato. Então ela já aproveitou essa oportunidade, me colocou nesse cursinho e eu lembro que eu gostava muito, já fazia o desenho, ela ajudava e eu fazia as pinturas do tecido. Assim, como já vinha desenhadinho lá, a minha mãe já fazia o ajuste e eu fazia a pintura. Então essa moça, ela me ensinou a fazer sombreado. Então isso tinha 7 ou 8 anos, eu era muito pequenininha, eu já estava aprendendo ali. É algumas técnicas de luz, sombra nas pinturas. Então isso me despertou um apreço muito grande por desenho. Aí depois o meu pai, ele acabou voltando. Eu tenho dois irmãos. Então meu pai, minha mãe, meus outros dois irmãos. A gente acabou voltando para São Paulo. O meu pai retornou por conta de trabalho. E aí nisso, eu acabei estudando numa escola chamada Santa Teresa, que é uma escola aqui da zona norte de São Paulo. É um colégio particular, mas não é um colégio, assim que não tinha nenhum direcionamento como a gente tem hoje. Assim era bem, é convencional assim, digamos. E na escola também a gente tinha um pouco mais de reforço em aulas de geometria. A professora também chamou um pouco a atenção dela, nessa questão do desenho de eu fazer o sombreado, que eu já tinha aprendido na aula lá de pintura de tecido de pano de prato. E aí, quando eu estava na oitava série, a minha mãe falou assim: - ué, por que você não tenta fazer curso técnico? Por que vamos tentar? Ver o que é, sem muitas esperanças, assim a gente conheceu a Escola Técnica Federal de São Paulo e aí ela, minha mãe foi, pegou um panfletinho da escola e viu que tinha um dos cursos lá que falava sobre desenho, sobre geometria, coisas que ela já percebia que eu tinha aptidão, que eu gostava, né? Então ela questionou: - por que não aproveita isso que você gosta e de repente transforma numa profissão? E assim, a minha família nunca foi rica, né? Então, assim, com muitos, com muito esforço, meu pai, minha mãe sempre dona de casa, mas com muita ânsia de que eu e minha irmã... Eu tenho uma irmã e um irmão. A minha irmã é mais nova, 7 anos e o meu irmão 5 anos mais novo. Eu sou a irmã, a mais velha, e minha mãe sempre teve muita ânsia de que

a gente, eu, minha irmã, assim, principalmente como mulheres, a gente tivesse uma profissão e não ficasse sempre dentro de casa, necessariamente. Não que não fosse muito nobre, mas ela gostaria muito que a gente se desenvolvesse também no mercado profissional. Então, por isso que eu acho que quando eu falo aqui, ela está tão, sempre tão envolvida e sempre tão observativa e na nossa, nas nossas aptidões. Então ela direcionou, eu fiz o vestibulinho na época da escola, Técnica Federal de São Paulo. Ela viu que tinha um curso lá de Edificações. Eu fiz e consegui ingressar na Escola Técnica Federal, no curso de Edificações. Na época, chamava isso. Foi no ano de 1995. Era um era assim, era para mim, era um universo completamente diferente, uma escola que parecia uma universidade, uma escola muito grande, totalmente focada em cursos técnicos. E assim eu sou muito grata ao ensino técnico, a escola é federal, técnica federal na época, que porque assim me despertou um interesse, me fez conhecer o que era arquitetura. Eu não conhecia o que era até então, eu fui bem pela questão do desenho.

KGMF: Mal conhecia que tinha até desenho de Edificações também, que poderia direcionar arquitetura. Mas, o próprio curso de Edificações, eu já fiquei apaixonada justamente pela prática do curso. Tem, a gente tinha uma área de edificações muito grande lá. A gente tinha as aulas práticas para montar murinho, fazer arco, muitas aulas realmente de desenho, desenho técnico, desenho mais à mão livre. Então, assim eu fiquei apaixonada e é como se eu abrisse uma novo portal ali de aprendizado mesmo, contato com pessoas mais não tão regionais quanto tinha ali. E minha mãe ficou muito feliz porque ela não ia precisar pagar mais a escola. É particular, que era um grande esforço, ainda mais que eu tinha dois irmãos. Ela gostou muito, além de me direcionar corretamente ali para algo que realmente ia gostar, gostava e que ia se tornar minha profissão. Foi muito bom para ela também, justamente na questão financeira. Meus pais sempre com muitos, muitos esforços, nos mantiveram em escola particular até a parte aí do ensino técnico. E aí no ensino técnico foi isso, assim, contato com muitos professores excelentes. Assim, era uma época que a gente tinha o curso técnico muito forte, curso técnico de quatro anos, era quase uma faculdade. Tem faculdades hoje que não tem mais quatro anos, então era um curso muito forte que agregava. Ele tinha um pouco do colegial normal na época, com as disciplinas de ensino técnico, e já voltando ali um pouco para arquitetura também, História, inclusive a professora Maria Augusta que foi uma professora maravilhosa que eu tive no ensino técnico, que também contava história das pirâmides do Egito, de Grécia, Roma, de uma forma que a gente ficava impressionada e eu assim fico muito feliz de ter tido esse contato, esse direcionamento, por que com 15 e 16 anos ali, eu já estava direcionada para tanto para o mercado de trabalho quanto para algo que me despertava paixão, mesmo que era também história da arquitetura.

E aí, enfim, nesses 4 anos, eu gostei bastante. No último ano, quando chegava é no quarto ano, a gente já era direcionado para fazer estágio, então era um integrado e não tinha esse TCC que a gente tem hoje, a gente tinha esse e era necessário ser feito o estágio. E aí que eu ingressei de fato aí no mercado mesmo. Aos 18 anos, ali eu já estava fazendo o meu primeiro estágio já num escritório de arquitetura. É chamava Pierri Perrone (Pierri e Perrone Arquitetos Associados LTDA). Era um escritório que fazia para o Banco do Brasil. Então é, eu comecei a trabalhar, ver como que funcionava, ao mesmo tempo que tinha aquela ânsia de fazer arquitetura, porque daí eu já estava com muita vontade de já ingressar na faculdade. Foi um ano? Bem, é. É que eu estudei muito assim, inclusive, que eu a gente tinha minha mãe. Queria que eu continuasse na escola pública, justamente por essas dificuldades. Meu pai, sempre com muitos esforços, ela trabalhando em casa para pagar para três pessoas, a gente já adolescente. Ela queria muito que eu tivesse ingressado na USP, sonho ou numa universidade pública. É nesse primeiro ano eu não consegui na universidade, fiz um cursinho até gratuito ali na época tal. É, e depois, na sequência, eu fiquei um ano. Aí sim, eu fiquei num cursinho mesmo, estudando bastante para ver se eu conseguia uma universidade pública, mas infelizmente também não foi possível. Era o curso de arquitetura da FAU da USP, é muito, muito concorrido. Assim já era na época. Assim eu sei, eu lembro que eu peguei o primeiro ano de Enem, inclusive, acho que foi em 99. E infelizmente assim não, não consegui ingressar na universidade pública, mas consegui o Mackenzie, que na época não era. Ele tinha uns subsídios de empresas, então não era um curso absurdamente caro. Então eu consegui ali ingressar na Universidade Mackenzie. E aí comecei, logo que eu entrei na faculdade, na arquitetura, era muito diferente do ensino técnico. Achei primeiro que o ensino técnico, ele me deixa com 18 anos, eu já me senti uma adulta praticamente. A gente já tinha feito estágio e quando a gente ingressa na faculdade, sente, sente aquele baque dos estudantes ali que ainda não tinham essa sensibilidade mais profissional. Então eu já me senti uma profissional ali começando a faculdade, já tinha responsabilidades, já tinha trabalhado. Enfim, eu senti muita, muita diferença mesmo dos outros alunos nesse momento aí, 18 a 19 anos. E aí eu também senti que o ensino, quanto que o ensino técnico também já me colocou à frente, que os colegas ali nas disciplinas da arquitetura pediam muita ajuda para desenho gráfico, representação gráfica, alguns pontos ali que foram muito fortes na minha formação ali técnica e realmente o ensino técnico ele tinha ali. Acho que eu falo que era um ensino quase ali muito forte ali mesmo, que os professores eram muito exigentes. Eu tenho minhas coisas guardadas até hoje, que eu talvez assim já tinha alguma sensibilidade que um dia eu seria professora para usar alguns materiais aqui antigos, até para nem que fosse como história assim, aquelas plantas feitas no nanquim, aquelas plantas feitas em papel manteiga eu tenho guardadas aqui, cópias heliográficas. Eu fiquei guardando, talvez até pensando em um dia poder mostrar para

alguns alunos, enfim, e para eles verem a diferença que é hoje, que é tudo muito. É voltado para o computador, voltado para é tudo muito digital, tudo muito fluido. Os erros são corrigidos muito facilmente. E naquela época, não a gente, se a gente errasse alguma coisa, tinha toda uma dificuldade. Então tudo isso foi um processo assim que talvez me tenha trazido assim agora, hoje, como professora, que eu fico até pensando, nossa, como era rígido e hoje em dia a gente fica até meio que é como quebrar essa rigidez, um processo também que eu, como professora, fui buscando desenvolver com o passar dos anos, né? E aí, durante a faculdade, enfim, a faculdade de frente do técnico que eu senti o projeto, um projeto executivo que é mais detalhado. Realmente eu aprendi muito melhor no técnico. A faculdade me trouxe algo mais conceitual de arquitetura, mais filosófico, mas é aprender como enxergar. A gente tem o urbanismo também, como era o urbanismo, ser urbanista, pensar mais a cidade, o todo, a comunidade, como projetar de uma forma ali que pense o coletivo. Então é, a faculdade me trouxe uma visão um pouco mais global da arquitetura, que eu tinha algo um pouco mais restrito no técnico e mais realmente técnico. Ele cumpria muito a função do técnico e aí na faculdade é, me apaixonei mais ainda pela arquitetura. Eu tinha esse lado mais técnico, que me ajudava muito, inclusive é para ser muito desenvolver projetos muito detalhados no Banco do Brasil. Eu., depois que eu saí dessa empresa ali da Pierri Perroni, eu fiquei um tempinho lá como estagiária e, depois eu preciso sempre estar, depois o técnico também me ajudou isso. Por mais que eu não estivesse trabalhando ali, eu sempre fazia algum bico para engenheiros. Assim, pedia para eventualmente abrir um processo ali na prefeitura, lá projetinhos de prefeitura. Então eles me acionavam, eu já ia trabalhando já, fazia a planta de prefeitura, já tinha muito, já construí uma experiência muito grande ali com o AutoCAD, que era o programa ali que eu que eu vim do técnico também com ele, finzinho do técnico. O meu técnico foi híbrido. A gente tanto escreveu, desenhou muito a mão com o nanquim, usou muito a mão mesmo como técnico. se propõe para desenhar e para montar muros, construir. Então foi muito uso da mão e estava nessa transição para o programa já. Então, no último ano ali a gente já estava engatinhando ali com o AutoCAD, que é o programa que dominou o mercado até ontem, praticamente. E aí eu na escola, nos estágios ali, quando eu fui pegar um novo estágio já pela arquitetura, eu peguei o primeiro estágio ali já como graduanda no Banco do Brasil, meu tio já trabalhava no Banco do Brasil, trabalhava num andar ali na São Bento e que é a central do Banco do Brasil. E ele conhecia muita gente da engenharia. Ele questionou assim, quando abriu uma vaga, se eu não gostaria de como eu já tinha trabalhado no escritório, se eu não gostaria de trabalhar lá como estagiária. E aí fiz o processo deles. É, consegui lá o estágio é jamais para o fim, caminhando para o finzinho mesmo da faculdade. E, também foi um estágio que me trouxe muitos insights sobre a arquitetura bancária. É a partir daí, esse comezinho aí dele definiu toda a minha trajetória, mesmo como arquiteta de

banco, arquiteta bancária. Que tem muito a ver, porque justamente é isso que o mercado bancário precisa. A gente trabalha com varejo, é aquela, é, são construções em série, são imóveis ali em grande quantidade. Por se tratar de banco, sempre a gente tem muita rigidez ali em atendimento de legislação, em aprovação de projetos, é definição ali de detalhamentos. Então veio a calhar justamente o técnico com todas as necessidades ali, que eu entendo que os bancos ali precisam para quem trata das agências, da infraestrutura de agências. Então eu trabalhei até me formar lá no Banco do Brasil. Eles não contratam, eles só contratam via o estagiário. Eles só contratam pelo Banco do Brasil, ele tem um concurso lá só e aí a pessoa, quando ela entra na agência, ela é escriturária e depois ela vai evoluindo. Quem é formado acaba podendo se candidatar a uma vaga. Então é um pouquinho difícil ali até de conseguir direto para a engenharia do banco ali. Mas para mim não teve nenhum problema assim. Enfim, eu ainda fui para o mercado, trabalhei um pouco nesse, nessa, nesse ínterim. Como eu gostava muito também de construção, ainda tinha também essa questão de gostar do técnico. Eu fiz em paralelo a faculdade de arquitetura, eu acabei fazendo a Fatec também. Eu passei na Fatec, só que ainda não. Como não era arquitetura, eu acabei fazendo os dois em paralelo. A Fatec eram 3 anos, acho que ainda são 3 anos e fiz Edifícios na Fatec. Eu entrei na Fatec em 2000, na metade de 99, e eu fiquei até 2003, mais ou menos. Foram três anos. Eu saí antes de me formar em arquitetura e, também aí foi outro insight. Acho que talvez até por essa vontade da minha mãe, um pouco aliada da escola pública. Poxa, que oportunidade você passou, mas não é arquitetura. Eu falei eu vou tentar encarar os dois. Então encarei. Eu sempre fui uma pessoa também de fazer muitas coisas. Então é, eu sempre acho que eu vou dar conta, porque eu acho que eu sou um pouco, é, eu sou muito curiosa assim. Então eu gosto, é, falei, poxa, mas eu acho que aqui, a Fatec ali, ela vai me dar um pouco lá da engenharia, que a arquitetura talvez não tenha. Então eu sempre vou buscando um pouco o que um pode complementar do outro ali e sempre tenho que, o que acrescentar. E a Fatec me trouxe também um pouco da engenharia que era também um, é uma faculdade muito forte nessa parte. Eu tive colegas que depois saíram da Fatec, cursaram mais três anos lá de engenharia e já tiraram o diploma. Então foi um desafio grande. Opa, pode falar, professora? Claro.

MLMC: Posso te fazer uma pergunta, então, porque você fez o Técnico em Edificações na Federal e fez o Edifícios no Centro Paula Souza, você percebeu se teve disciplinas repetitivas.

KGMF: Sim. Na Fatec, isso exato.

MLMC: Nesses cursos e quais foram?

KGMF: Eu percebi, sim, é algumas disciplinas repetitivas, como desenho técnico, é o desenho técnico é base para as formações, mesmo assim eu não quis pegar e nem dava porque um era médio, na verdade colegial, e o outro era a graduação. Mas eu percebi sim, professora, tinha Topografia. Essa disciplina também se repetia. Materiais de Construção Civil muito parecidos assim. Agora assim, Elétrica, por exemplo. Eu tive uma base lá no técnico, mas quando eu fui para a Fatec, ele avança ali para uma matemática muito mais, mais refinada para integral, derivada, ele começa a entrar um pouco mais no que é realmente a engenharia, o técnico, ele se mantém ali para conceitos gerais. Então a pessoa que quer pelo menos ele tem uma noção geral ali, o técnico é excelente. Agora que essa, aprofundar num nível engenharia ali seria a Fatec, mas Materiais de Construção Civil, tinha mais algumas disciplinas lá, a própria estrutura. Ela se aprofunda um pouco mais na Fatec, mas aquele comezinho, ele é muito parecido com o técnico. Algumas disciplinas ali, até elas. Ficaram um pouquinho até repetitivas mesmos Materiais de Construção que tem ensaios, ensaios de corpo de prova é finura do da de granulometria que chama de é. De solos, de areia, enfim, tem muitos testes, inclusive, é que inclusive, que são feitos em laboratório, que são muito similares entre o técnico e a Fatec. É, mas assim é sempre. Eu sempre estava, estava nessa, de que eu estava, estava aprendendo e tentando manter ali essa. É esse aprendizado da construção civil mesmo. Mas sim, teve principalmente topografia bastante bem parecido também. Assim, os cursos, sabe do técnico para Fatec e esses cursos assim, enfim, me ajudaram muito assim. É, me trouxeram os professores também excelentes na Fatec, assim, de altíssimo gabarito. É, eu até me surpreendi, porque eu sempre fui muito estudiosa assim, demais assim e tanto quanto eu entrei na federal. Que eu tive uma dificuldade com matemática que não, a gente não se não sei, pelo menos da escola que eu vim não tinha uma preparação tão forte. Então eu tive que fazer um curso lá de, até de reforço de matemática, que a própria federal nos dava ali para quem precisava de reforço de matemática. Precisei para nivelar o meu conhecimento ali com o que eles precisavam e quando eu entrei na Fatec também assim é Cálculo I foi uma disciplina que foi que era um professor muito rígido assim que era até um senhor assim que ele apresentou uma temática assim de um outro planeta para mim, que eu nunca tinha visto com eixo XY, ele virava os gráficos assim e já logo transformava em expressões matemáticas. Para mim, assim também despertou assim. E assim, depois de um tempinho que eu estava na Fatec, foi impressionante como o meu cérebro já rapidamente tinha um despertar ali para matemática, começava a fazer umas, estava com o cérebro muito afiado assim, para fazer qualquer conta assim. Então eu estudei, até A Fatec que eu coloco assim que eu que me ajudou muito na parte matemática da coisa. Assim eu fiquei muito afiada, depois a gente vai conforme a gente vai aprendendo, vai, vai entrando no mercado de trabalho, não vai usando o nosso cérebro, acaba não ficando tanto.

Mas eu era muito afiada naquele momento da Fatec, me ajudou bastante ali a desenvolver tudo isso, né?

MLMC: Obrigada.

KGMF: Imagina. Vai continuando, professora?

MLMC: É, sim, é. Eu queria perguntar: você fez os dois cursos ao mesmo tempo e fazendo freelance em paralelo.

KGMF: Ao mesmo tempo, isso. E fazendo freelance, isso

MLMC: E daí? Quando você ingressou, você terminou os dois, e foi para o mercado de trabalho?

KGMF: Isso, terminei os dois. Aí quando eu terminei os dois, eu terminei primeiro a Fatec, que ela era um pouco menor lá, que o da graduação, fiz mais algum estágio. Eu sempre gostei de design de interiores. E aí, olha: - aí que vai entrar a história de como eu conheci o Carlos de Campos, que eu estava num ônibus. E aí eu vi o aquele símbolo tão bonito do Kaká, que são as colunas. Assim, o símbolo do Kaká eu vi num anúncio de ônibus - Design de interiores. Eu ainda não estava 100% ali, que eu ia para a área bancária, que apesar de que era a área, que estava se apresentando mais para mim, ali mesmo, eu gostava muito de interiores. E aí eu vi lá no anúncio do ônibus assim: - Design de Interiores, tal. Aí Etec Carlos de Campos, eu falei: - olha que interessante Design de Interiores. De repente, eu sempre gostei de estudar. Eu estava me formando na faculdade, eu já tinha tido uma disciplina de design de interiores lá. Falei de repente eu estudo um pouquinho mais e me especializo nessa área. É um curso também gratuito, então é uma oportunidade ali de eu me especializar um pouco mais. Aí o que aconteceu nesse momento? Eu entrei na Etec Carlos de Campos, no curso de Design de Interiores. Isso era o ano de 2000. É 2005, se não me engano. E aí o curso, eu já conheci um outro curso técnico, porque já tinha passado por aquela transformação do ensino técnico. Em que o curso já estava um ano e meio, já era uma duração bem mais reduzida do que o que eu cursei lá de quatro anos, nos anos 90. Mas eu acho que assim para mim foi a medida correta. Assim como eu estava me formando, eu também não ia mais encarar quatro anos e eu tinha um pouquinho mais ali do que era Design de Interiores. E em paralelo, eu também, como eu tinha essa ânsia muito grande de já na faculdade de arquitetura, desperta um negócio em vocês assim, vamos mudar o mundo, né? Então eu saí do Banco do Brasil e aí

eu já tinha alguma experiência ali do Banco do Brasil sobre como desenhos, os projetos funcionavam, já tinha essa experiência, eu puxei uma colega lá também, estagiária, falei: - por que a gente não abriu um escritório? Fui nessa linha, vamos abrir escritório e fazer projetos para o Banco do Brasil. A gente tem as pessoas que a gente conhece lá, os arquitetos, engenheiros, a gente poderia aproveitar. Enfim, me abri ao mercado ali. Hoje eu julgo que foi, foi uma ação meio de repente, muito. Não quis nem esperar para entrar para o mercado de trabalho e experimentar um pouco mesmo. Eu já quis abrir mesmo um negócio e fiquei por uns três ou quatro anos ali com ela. Assim, com essa minha sócia, a gente abriu, teve toda uma dificuldade de abrir empresa, encarar o contador, essas coisas todas assim. E a gente chegou a fazer alguns projetos para o Banco do Brasil mesmo, entregar, aproveitando essa maré da gente conhecer o pessoal do Banco do Brasil e, em paralelo, eu estava fazendo ali o curso técnico da Carlos de Campos ali, que também muitas professoras que depois foram colegas minhas, ainda peguei a maioria delas assim. É porque eu acabei ingressando. É como professora na Carlos de Campos em 2009. Quer dizer, não foi um intervalo muito grande ali entre eu me formar, acho que foi 2006, mais ou menos metade de 2006, até eu entrar na Carlos de Campos, que foi 2009, foi um intervalo curto de tempo. E na verdade, estava trabalhando com essa minha empresa, é prestando serviço para o Banco do Brasil, que era o foco. Mas, assim, eu, como recém informada, não tinha. Não tinha nem expertise do próprio, apesar de ter os cursos todos que eu tinha, não tinha essa expertise tão grande do mercado. E todas essas dificuldades que a gente tinha ali de ficar procurando mesmo o cliente. Então tinha umas coisas, que eu acho que ia até os próprios cursos em geral, mesmo os técnicos, eu acho que eles estão se especializando quanto a essa questão do empreendedorismo, que eu acho que é muito importante direcionar, mesmo aquele profissional que para ele, de repente, abrir um próprio negócio e desenrolar as coisas, ter essa questão de solucionar problemas, de o que você tem que procurar, tem que procurar um contador, isso a gente vai descobrindo, na verdade. Porque nem a graduação não traz muito isso, pelo menos na minha época, assim não tinha tanto disso quanto a gente até tem buscado hoje no Centro Paula Souza, com alunos incentivando inovação. O próprio empreendedor, o próprio empreendedorismo, assim não tinha. A gente não tinha tanto isso. Eu falo assim que eu fui meio que na sorte, ali vai procurando, vai procurando saber. A internet também não era um negócio assim que você conseguia encontrar tudo naquela época. Não tinha IA, nada disso. Então muita coisa ali a gente vai aprendendo um pouco na raça. como ser empreendedora. E depois de uns quatro anos, essa minha sócia, ela estava migrando um pouco mais para a área de educação física. Ela não, já não tinha mais tanto interesse, talvez ficar ali tanto na área. Eu lembro que em 2008 teve uma forte crise no mercado e diminuiu bastante a quantidade de projetos, que eu que eu já não tinha tantos, não tinha clientes muito fora ali do

Banco do Brasil. E o próprio Banco do Brasil também deu uma reduzida nos projetos, nas intervenções. E eu, com essa minha sócia, a gente meio que ficou sem saber o que fazer. Eu sempre fui uma pessoa, sempre buscou também ter o próprio dinheiro. E aí, como se deu essa dificuldade, eu comecei a procurar trabalhos fora mesmo. Trabalho, para trabalhar é como empregada mesmo fora. Comecei a desistir um pouco desse lance de ser empresária e de ficar ali muito em cima disso. Eu quis experimentar talvez um pouco para ver como que era trabalhar nas empresas. E, entre 2008 e 2009, que eu fui participar daqueles, tinha um concurso que chamava jovens profissionais do Centro Norte, que eles abriam assim para jovens profissionais de decoração, de design de interiores, e eu participei. Por acho que dois anos, eu consegui expor dois ambientes lá. Foi muito gratificante também, muito legal. E principalmente aí, num desses coquetéis que teve desses lançamentos da loja, como que funcionava? Eles disponibilizavam uma loja e jovens profissionais iam lá e decoravam. Esse ambiente, eu, como tinha feito o Kaká, formada em Design de Interiores, eu ainda estava ali galgando, tentando galgar ali algum espaço na área de decoração e design de interiores. E aí numa dessas eu encontrei a professora Tânia (Tânia Carvalho), que é do Kaká. Professora Tânia, está aí é firme, professora é do Kaká e era uma ex-professora minha. E ela questionou assim, num desses coquetéis dos jovens profissionais, ela falou assim: - Kelen está com uma vaga aberta lá na Carlos de Campos, você não quer dar aula? Aí é, eu até remeti uma coisa que eu que eu achava quando criança, que eu falava, nossa, que eu ficava admirando quando antes de eu ter o contato com o técnico, com a arquitetura. Eu admirava um pouco a professora de educação artística, que era o meu universo ali da arte. Falava, nossa, eu acho que eu queria ser professora de educação artística, porque deve ser tão legal o que ela ensina e as e as coisas da das artes. E já gostava e dar aula também ela. Ela explicava para os alunos, os alunos iam lá, é seguiam o que ela ia passando, ensinava. Eu achava muito nobre essa questão de dar aula. Aí me veio à mente também isso, que eu pensava quando era criança. E eu falei, nossa, eu acho, por que não, vamos tentar? A gente pode tentar. Estava aberto esse concurso de prazo determinado para Edificações, para dar aula em Edificações lá no Kaká. E aí eu prestei o concurso. Consegui, a princípio, foi o Moacir que estava como coordenador, professor Moacir, que me acolheu, é, fiz a todo o processo seletivo lá e fiquei como cargo determinado aí por 2 anos, acho que até 2011. É, eu me afastei um pouquinho também. Quando acabou o contrato, foi muito legal. Assim, eu entrei para dar aulas que a gente não tem total domínio, mas a gente vai estudar. Eu acho que isso que é o legal de dar aula também, que sempre gostei muito de estudar. Então o dar aula me motivava, me incentivava a sempre estar me atualizando. Quando a gente entra para dar aula, a gente nem sempre vai entrar numa disciplina que a gente tem mais afinidade, que era projeto, porque tinha muitas professoras lá já. Mas acabei topando da aula de elétrica, de hidráulica, e até de

topografia. Acabei encarando, tem a questão das pontuações, na educação eu não tinha. Era meio que as disciplinas que ficavam ali disponíveis. Então eu comecei dando aula, deram uns dois anos, aí eu fiz o concurso novamente e fui para indeterminado.

MLMC: Mas você dava aula no período diurno também ou só noturno?

KGMF: Noturno, noturno nessa época, noturno, sempre noturno. Nessa época eu já estava trabalhando também. É que eu quis encarar o mercado. E aí eu já estava trabalhando numa empresa, que daí ela fazia Itaú. Foi bem na época da migração de Itaú com Unibanco, que o Unibanco, ele 2008 e 2009, ele já estava o Banco Itaú comprou o Unibanco, e aí essa empresa, ela fazia o gerenciamento das obras e de projetos. Então eu fiquei ali 2 anos. É a empresa chama Rassi Megale. E essa empresa ela ficou ali, eu entrei e já comecei, já de novo, voltei para bancos, que é o que faz parte, compõe meu currículo.

MLMC: E que ano foi isso?

KGMF: Então isso foi 2009 – 2010, eu estava tanto dando aula, e eu trabalhava durante o dia nessa empresa, eu dava aula acho que eram duas ou três vezes por semana. Agora não me recordo bem, mas eu entrei com uma carga bem grande assim de aula, acho que três vezes por semana. Então tinha essa logística ali de trabalhar durante o dia e dar aula à noite, que é algo que acho que é muito bom para o professor do ensino técnico e para os alunos também. Eu acho que levar essa, fazer essa transição, que eu faço até hoje, essa transição de dia ali estar trabalhando e de noite dar aula, falando e trazendo um pouquinho para eles o que acontece no mercado. Eu acho que é muito, muito bom para os dois. A escola me ajuda no trabalho, porque eu sou, não parece, mas eu sou uma pessoa muito inibida assim, muito na minha. Então, apresentar coisas para mim sempre foi um desafio e a escola me deu essa abertura, me desinibiu um pouco mais, digamos. Então, hoje, para apresentar alguma coisa no trabalho, eu tenho mais facilidade graças à escola e o meu trabalho do dia me trouxe essa possibilidade ali de trazer para os alunos também essa questão do que acontece no dia a dia.

MLMC: E como que memória entrou na sua vida?

KGMF: A memória é, eu sabia, a Carlos de Campos, aquela escola maravilhosa, mas eu fiquei muitos anos sem nem saber que tinha a área. Como é justamente, era nessa correria do dia a dia, ali de chegar, sair correndo, dar aula, volta, vai embora. Eu sabia que ali a escola tinha uma História muito bonita, mas eu não tinha visto o Dispensário de Puericultura. Eu mal

conhecia assim, não sabia direito dessa História. Quando eu comecei, eu também, em paralelo, eu sempre estava interessada em de repente fazer um mestrado, então eu estava ali fazendo uma outra aula na USP, ali como aluna especial, ali na história da arquitetura, que ficava na época, acho que ainda está na graduação ali em Higienópolis. Então fazer algumas aulas de História da Arquitetura estava sempre tentando ver se eu conseguia fazer o mestrado na área. É, tentei algumas vezes e aí eu pelo que eu me lembro assim, um dia eu com uma conversa com o Nilton (Nilton Cesar Alves), assim ele me contou, ele disse, está aqui? O Nilton lá do Carlos de Campos, meu colega, foi meu colega. É, ele me contou um pouco da história: - você sabia que é uma escola feminina e tudo mais? Eu falei, nossa, e ele gosta, ele é apaixonado pela história da escola. E eu comecei a perguntar nessa conversa informal ali com ele, me mostrou o Centro de Memória. Ali eu fiquei, eu falei: - nossa, que incrível, é? Fiquei apaixonada, nesse inteirinho, assim eu já estava, tinha mudado de emprego, eu tinha, eu fui trabalhar na Método Engenharia. Aí eu fazia é Bradesco, agências do Bradesco pela Método, e estava muito engajada também em projetos, projetos rápidos. Esse setor é assim toda a minha trajetória, sempre trabalhando, dando aula, trabalhando durante o dia, dando aula à noite. Nessa época que eu estava na Método, era supercomplexo para mim. Porque eu estava lá na Berrini e tinha que me deslocar para a Carlos de Campos. Então é aquela professora que chegava suando na aula assim, correndo. Os alunos sempre foram muito compreensivos e acho que eles até tinha esse negócio da conexão. Então foi legal, e aí a História, justamente isso, eu querendo também, além de tudo, é fazer o mestrado. Eu, num dos temas que eu que eu quis entrar lá, eu falei, eu acho que eu vou estudar um pouco mais sobre a Carlos de Campos, que tem muita coisa sendo contada dela, até entrei em contato com o seu material Maria Lucia, nesse momento e estava pensando em dar entrada num projeto de pesquisa na USP e na Unicamp. E aí tomei contato com o seu material, com o catálogo, com tudo que já tinha de História da escola. Eu falei, eu acho que eu conseguiria contribuir alguma coisa aqui com arquitetura da escola e eu estando aqui dentro tem o Centro de Memória que o Nilton tinha me mostrado da Etec, aquela arquitetura monumental da escola que me chamava atenção, me intrigava também por que que tem o prédio antigo e o prédio novo? Isso é uma pergunta que você põe o pé na escola? Não sei, pelo menos para mim sempre foi, como pode essa transição ser tão rígida entre o velho-novo ali na arquitetura da escola? O será que aconteceu aqui? Então, já me surgiram um monte de dúvidas ali da escola. Por que não tem uma transição? Porque esse prédio foi parado no meio ali e não continuou para a ala oeste, que é totalmente moderna ali e tem a fachada e a ala leste. Leste da escola ali que ela é antiga, linda, pé direito duplo e uma parte moderna. Então isso me instigava muito, sempre me instigou como professora e eu entrei com o mestrado meio que para tentar se não desvendar o porquê, mas pelo menos trazer um pouco da história da arquitetura da

escola, reunir plantas e trazer um pouco, me aproximar um pouco mais. Mais do que foi a motivação desse prédio ter sido construído. E aí eu, com todo esse material que eu tive contato da senhora, também do dispensário de puericultura, fui adentrando um pouco mais na história das mulheres também, de como as coisas foram acontecendo para essas operárias, para essas alunas. É, estudaram na escola e aí eu tive um orgulho muito grande. Eu nunca deixei a Carlos de Campos, na verdade, é nunca tive, tem o lado de eu trabalhar durante o dia. Então, para mim, ali, por mais que fosse longe, fora do eixo, ali de metrô e tudo, eu sempre gostei muito da Carlos de Campos. Justamente pelo ambiente que ela representa de História, eu estava sempre muito ligada a História também. Então eu nunca quis sair da escola, na verdade. Então foi essa minha aproximação. Aí eu dei entrada com esse projeto de pesquisa na Unicamp, na USP. Acabei conseguindo na Unicamp com a professora Ana Maria a orientação dela e desenvolvi o mestrado em cima da história da escola, da história mais voltada para arquitetura mesmo, reunir as plantas, e tentei desvendar esse mistério ali do porquê que tinha essa ruptura de arquitetura dentro da própria escola ali. E como ainda assim ela encantava tanto os alunos e essa arquitetura ela proporciona até hoje uma magia aparece entre os alunos, entre os professores. Isso tudo é muito encantador mesmo a arquitetura da fachada.

MLMC: E como foi a essa transferência que você saiu da Carlos de Campos porque acabou o curso e foi para o Mandaqui?

KGMF: Ah, foi uma transferência difícil. Eu moro, difícil assim, justamente pelo carinho que eu tenho pela Carlos de Campos, muito grande ao curso de Edificações e o curso de Design Interiores da Carlos de Campos, ela tem professoras que tem muita, já muitos anos de casa, então elas têm umas pontuações muito elevadas. É, e na Edificações, que é onde eu sempre dei aula. Assim é, o curso começou a perder um pouco de aluno, um pouco, não totalmente. Começou a perder muitos alunos, é na pandemia, que teve aqueles desafios da gente dar aula durante a pandemia, de como mostrar as coisas, deixar um pouco mais prática a aula, mas justamente, com essa perda de alunos, o curso acabou já se inclinando para começar a fechar turmas, começar a arrumar para fechar as portas até no noturno. E como eu não tinha disponibilidade, não tenho até hoje a disponibilidade durante o dia. Eu acabei tendo que buscar alguma outra escola, mesmo porque, apesar de tudo, é apesar de eu gostar da Carlos de Campos, dar aula para mim, eu acho que é uma ação muito nobre, eu acho que dar aula é para mim, é incrível, porque eu também gosto muito de ver essa evolução do aluno que entra sabendo nada e evolui para um técnico. Então me dá uma satisfação assim muito grande. Eu gosto do aluno, do perfil do ensino técnico mesmo. Não fico, não me vejo tanto

agora nesse momento dando aula para ensino de graduação, porque eu gosto justamente daquele aluno que tem toda essa dificuldade que eu tive também, sabe de e pelo interesse desses alunos em se desenvolverem, em se profissionalizar, muitos meus alunos são pedreiros, eletricitistas, é encanadores, então eu justamente essa Esperança que eu gosto de dar para eles, de que eles estudando, eles podem ir evoluindo e fazer da profissão ali algo que vai te dar todos os frutos que você pode colher na sua vida. Enfim, comprar sua casinha, viver com conforto.

MLMC: Olha, eu gosto de ouvir o que você está colocando, porque eu trabalhei na indústria. Bom, primeiro eu queria fazer curso, eu queria fazer curso técnico. Eu adoraria ter estudado na federal, só que eu queria fazer química, e Química só tinha em Santo André, lá na Júlio de Mesquita, e eu tinha que trabalhar, então fiz colegial, não é? Daí eu fui para a indústria, fiz Química na USP e fui trabalhar na indústria, e tive assim a grata satisfação de trabalhar com técnicos, inclusive da Júlia de Mesquita, porque eu trabalhava no polo petroquímico.

KGMF: Está. Olha. Sim.

MLMC: Então, quando eu me aposentei, eu falei, eu quero, eu quero trabalhar com ensino técnico e até hoje eu tenho essa paixão. Assim, eu trabalho com professores há muitos anos, mas eu sempre tento envolver aluno, trazer para os nossos eventos. É, e tenho uma admiração também enorme pelo ensino técnico. E quando eu fazia Química na USP, eu me apropriava muito dos conhecimentos das minhas colegas que nos laboratórios, que elas sabiam Química de prática de laboratório, que eu não tinha. Então, quando eu ouvi você falar, eu fiquei lembrando disso. É, você vê assim, nós temos uma diferença enorme de idade, mas a mesma sensação.

KGMF: Sim. Imagina, Maria Lucia?

MLMC: É de valorização do ensino técnico, não é?

KGMF: Sim, o quanto que esse ensino ele é importante para a sociedade mesmo e para pegar essas pessoas mesmo que estão ali, às vezes numa linha de pobreza e de ensino técnico, é uma oportunidade para a gente tentar colocar para cima essas pessoas e motivá-las a continuar os estudos. A ver que assim o ensino que é feio que a gente aprende no dia a dia, passando do pedreiro para um encarregado, esse ensino o quanto que ele pode ser especializado, e se mesclar mesmo com uma graduação, ou com algo que é o que o técnico

traz, ele tem que conectar a graduação com esse ensino, mais é do dia a dia ali, mas é não tão formal. Então é isso que eu acho que é apaixonante mesmo do técnico. É muito legal.

KGMF: Sim.

MLMC: Então, esse ano agora de 26, eu sei que você já me disse que por causa do doutorado, que eu sei que é pesado, ainda mais trabalhando. Eu fiz isso trabalhando também, então sei exatamente como é.

KGMF: Sim.

MLMC: É, então eu entendo a sua ausência no grupo esse ano, mas eu acho o seguinte, a Ana Cristina (Ana Cristina Gonçalves de Azevedo Figueiredo) da nutrição, ela está trabalhando bastante e ela está com um projeto de criar um centro de memória no Mandaqui, esse ano, e ela até vai fazer um álbum de fotografias da construção lá do prédio, então isso depois vai te ajudar para o seu projeto.

KGMF: Legal, joia, ótimo, sim. Ah, que legal!

MLMC: Ela recebeu esse material. Eu fiquei pensando em você. Eu falei, depois isso vai ser útil para Kelen, não é assim, porque eu espero que você volte. Vou contar com você, não é?

KGMF: Com certeza, eu retornando à ativa, volto. Volto, volto, volto sim. Eu gostei muito de participar realmente o doutorado, depois partir para o doutorado é, foi, é, está puxado assim, porque é, enfim, a gente tem que se aprofundar bem mais em alguns temas aqui. E realmente, quando eu apresentei a qualificação ali, me pediram bastante coisa. Coisas assim para reestruturar. Eu estou aqui meio que no último ano, mas eu tenho muito trabalho pela frente, então, mas eu tenho toda a vontade de voltar aí para o clube de memória, para o GEPEMHEP e poder contribuir até com a Mandaqui, que é a escola que agora me acolheu como professora, enfim.

MLMC: Então, esse ano mudou, viu como mudou, como houve uma mudança, é de estrutura no Centro Paula Souza, nós agora começamos com “Clube de Docente Pesquisador”, vai ser o primeiro agora em abril, não é? É, eu vou até comentar um pouco sobre a metodologia da História Oral e da diferença entre investigação e pesquisa-ação. Não é porque nós da nutrição

trabalhamos muito, com o meio ambiente, com pesquisa ação. Mas, como historiador não. Normalmente, você tem uma distância, para fazer a sua investigação.

KGMF: Que legal! Sim.

MLMC: Então vou discutir isso na oficina. E, também em vez de encontro, nós vamos ter simpósio, que vai ter o primeiro simpósio. Daí, quando ele for acontecer, eu te aviso. De repente, você pode até apresentar um trabalho lá.

KGMF: É verdade? Sim. Legal, legal. Fico à disposição, claro, sim, a gente.

MLMC: Mas assim, eu vou ter que encerrar a nossa entrevista por causa do período que eu estabeleço, é para ficar uma média entre os pesquisadores, não é?

KGMF: Claro. Está bom?

MLMC: Mas foi gratificante te ouvir. Você tem uma trajetória muito bonita. Eu já achava que tinha mesmo pelo seu jeito de ser, mas agora confirmei, e eu acho importante ter essas entrevistas.

KGMF: Aí que bom.

MLMC: E o teu depoimento que vai ficar esse documento porque é um estímulo para os alunos, é então isso fica público. Então, eu vou te mandar os termos de autorização, inclusive o termo de consentimento e livre esclarecimento, porque é um projeto de pesquisa, além dos termos do Centro Paula Souza, de cessão de autoria e de imagem. E assim que eu transcrever mando para você conferir tudo antes da gente colocar no site.

KGMF: Está joia.

MLMC: E vai ficar daí nesse volume aí do projeto que é a “História oral na educação: docentes em centros de memória”, porque nós estamos contando com você.

KGMF: Eu tenho o maior prazer de poder participar, ainda mais como entrevistada. Eu fico muito feliz mesmo e estou à disposição, Maria Lucia? Alguma coisa mais pontual. Esse ano

realmente está um pouquinho mais complicado por causa do doutorado, mas eu espero em breve poder voltar e continuar meu trabalho como pesquisadora do Centro de Paula Souza

MLMC: A. Sim. E qualquer coisa que você precisar da gente é só procurar.

KGMF: Está bom?

MLMC: Muito obrigada, Kelen. Boa noite.

KGMF: Eu também fico à disposição. Está bom, obrigada você, Maria Lucia. Abraço, tchau.

Descritores

História oral na educação
Docentes em centros de memória
Etec Carlos de Campos
Etec Mandaqui
Escola Técnica Federal São Paulo
Técnico em Edifícios
Técnico em Design de Interiores
Faculdade de Tecnologia de São Paulo
Kelen Gracielle Magri Ferreira
Maria Lucia Mendes de Carvalho
Arquitetura
Arquitetura bancária
Pedreiros
Encanadores
Eletricistas
Tecnólogo em Edifícios
AutoCAD
Nilton Cesar Alves
Tânia Carvalho
Ana Cristina Gonçalves de Azevedo Figueiredo

Dados Biográficos da Entrevistada



Kelen Gracielle Magri Ferreira - Cursa doutorado em Arquitetura, Tecnologia e Cidade pela Universidade Estadual de Campinas e é mestra pela mesma área e instituição (2022). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Profissional do Centro Paula Souza (2022). Tem graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie (2004) e graduação em História Pela Universidade Nove de Julho (2020), graduação em Edifícios pela FATEC-SP (2003), especialização em Design de Interiores no SENAC-SP (2015), Curso técnico no Instituto Federal de SP - Edificações (1998) e ETEC Carlos de Campos - Design de Interiores (2005). Atualmente é professora de projeto na ETEC Carlos de Campos (desde 2009) e arquiteta no Banco Itaú-Unibanco (2015). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase nas linhas de educação, com formação pedagógica pelo Centro Paula Souza (2016) e em gestão de projetos, com certificação PMI. Fonte: CV: <https://lattes.cnpq.br/9647062280871723> Acesso em: 6/3/2026.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiten, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em: 10 set. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Kelen Gracielle Magri Ferreira

Termo de uso de Imagem de Kelen Gracielle Magri Ferreira

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Kelen Gracielle Magri Ferreira